

RITOS COMO PROCESSO FORMATIVO E PEDAGÓGICO: DESAFIO DE EDUCAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU¹

Décio Otto Carlos Gomes²

“Deve-se ter em mente que a primeira lição em Ciências Humanas é tornar um povo consciente de sua contribuição para a civilização; e a segunda lição é ensinar-lhes sobre outras civilizações”. *GEORGE G. M. JAMES*

RESUMO: Os ritos são os principais articuladores dos valores e costumes que moldam o comportamento dos povos africanos, guineenses em específico. São guardiões de sentidos e significados endossados pelos povos guineenses, pela sua sociedade, cultura, seu modo de ser e forma de ver e ler o mundo. Sendo assim, na Guiné-Bissau, não se deve construir currículo escolar sem se apoiar nessa herança cultural e educacional deixado pelos ancestrais. Como forma de contribuir para melhor compreensão da realidade educacional dos povos guineenses, para a construção do currículo escolar que respeite e dialogue com a diversidade educacional impressas no cotidiano dos guineenses, se desenvolveu esta pesquisa com o objetivo de refletir sobre a importância dos ritos no processo formativo e pedagógico para a sociedade guineense. Partindo do entendimento de que os ritos desempenham papel fundamental na organização das diversidades culturais e educacionais impressas no cotidiano dos grupos étnicos guineenses. Para tanto, valeu-se de valiosas contribuições de trabalhos como de Djaló (2012), Canda (2006), Braço (2008), Chaua (2015), Namuholopa (2017) e Binze (2022). Partindo duma abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa do tipo bibliográfico, refletiu-se sobre a necessidade de um currículo que leve em conta a realidade social dos guineenses. Os resultados apontam que, para que haja um ensino de qualidade, é necessário fazer a inclusão dos ritos no currículo escolar, refletindo sobre a sua importância para a formação da sociedade dos guineenses.

Palavras-chaves: Ritos; Educação; Currículo; Guiné-Bissau.

ABSTRACT: The rites are the main articulators of the values and customs that shape the behavior of the Africans people in general, the Bissau Guineans people in particular. They are the guardians of the senses and meanings endorsed by Bissau Guineans people, by their society, culture, their way of being and way of seeing and reading the world. Thus, in Guinea-Bissau, one should not build a school curriculum without leaning on this cultural and educational heritage left by the ancestors. As a way of contributing to a better understanding of Bissau Guineans educational reality for the construction of a school curriculum that respects and dialogues with the educational diversity printed in their daily lives, this research was developed with the reflecting aim on the importance of the rites in the formative and pedagogical process in Guinean society, starting from the understanding that they play a fundamental role in the

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus Palmares, sob a orientação do Prof. Dra. Carolina Maria da Costa Bernardo.

² Licenciando em Pedagogia pela UNILAB. Possui graduação em Humanidades pela mesma universidade e é mestrando em Educação pela Universidade de Brasília.

organization of cultural and educational diversities imprinted in the daily life of Bissau Guineans ethnic groups. To that, it was made of the use of the valuable contributions from Djaló (2012), Canda (2006), Braço (2008), Chaua (2015), Namuholopa (2017) and Binze (2022) work's. Starting from a qualitative approach, using bibliographic research, it was reflected on the need for a curriculum that takes into account the Guinean social reality. The results indicate that, in order to have a quality education, it is necessary to include the rites in the school curriculum, reflecting on their importance in the formation of Guinean society.

Keywords: Rites; Education; Curriculum; Guinea Bissau.

INTRODUÇÃO

Na costa oeste do continente africano, encontra-se um pequeno país chamado Guiné-Bissau, com uma área geográfica de 36.125 km². Neste país, destaca-se a diversidade cultural de um povo que preservou inúmeros costumes e valores sociais. Neste trabalho, analisamos uma das práticas pedagógicas mais fascinantes desse povo: os ritos.

Por que os ritos? Durante minha trajetória no curso de Pedagogia, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), uma das frases que mais me marcou em sala de aula foi: “o currículo escolar tem que ser pensado de acordo com as realidades dos alunos”. Depois das disciplinas de estágios, comecei a perceber a problemática da frase a partir do seguinte relato: a teoria é uma coisa e a prática é outra. Assim, pensando no currículo escolar na Guiné-Bissau, levanto algumas questões, pois acredito que não podemos construir o currículo escolar para os guineenses sem levar em consideração a realidade nacional. Desse modo, perguntamos: o currículo escolar converge com a realidade educacional dos guineenses? Como ele é pensado, definido e direcionado para os estudantes?

De acordo com Duarte Jr. (1984), a palavra realidade é usada rotineiramente nos mais diferentes contextos e áreas de atuação, mas quase nunca paramos para pensar no seu significado visto que à primeira vista, o conceito nos parece tão óbvio que consideramos desnecessário qualquer questionamento a seu respeito. Não obstante, o óbvio é o mais difícil de ser percebido, argumenta o autor.

Não podemos deixar de concordar com o argumento do autor, uma vez que ao tentar esboçar a realidade guineense devemos compreendê-la no plural, visto que a Guiné-Bissau é um país multicultural com mais de 27 grupos étnicos, cada um com sua cultura, língua e sistema educacional. Vale sublinhar que o sistema educacional aqui mencionado diz respeito ao sistema de ensino endógeno vinculada à tradição cultural do povo guineense, que difere do sistema oficial de ensino escolar desenvolvido pelo Estado; esta última é cooptada pelos valores e

costumes estranhos à visão do povo guineense, uma vez que é baseado nos pressupostos metodológicos e epistemológicos ocidentais com os conteúdos, os métodos e os objetivos que são opostos da realidade do país, visto que nega tudo o que fosse representação mais autêntica da forma de ser dos guineenses: sua história, sua cultura e a sua língua. Além disso, ela vincula a história guineense à chegada dos colonizadores, com sua presença "civilizatória" à cultura dos colonizadores.

A definição da realidade educacional dos guineenses é uma tarefa extremamente difícil, uma vez que merece reflexões profundas. De acordo com DUARTE Jr. (1984, p.12), “trabalhar com o real é questionar o sentido da vida humana, vida que, dotado de uma consciência reflexiva, construiu seus conceitos de realidade, a partir dos quais se exerce no mundo e se multiplica”. Ainda segundo esse pesquisador, a realidade não é algo dado, que está aí se oferecendo aos olhos humanos, olhos que simplesmente a registram feito um espelho ou câmera fotográfica, pois o ser humano não é um ser passivo, que apenas grava aquilo que se apresenta aos seus sentidos. Pelo contrário, o ser humano é o construtor do mundo, o edificador da realidade. A partir destas considerações, pode-se perceber que as realidades são elementos da cultura impressas no cotidiano dos seres humanos; são coisas que se vêem, que se tocam, que se sentem; a realidade é um conceito muito amplo que pode ser visto e interpretado de diversas maneiras.

No tocante à dinâmica social e educacional da vida, a realidade guineense envolve inúmeros hábitos e comportamentos que definem os valores morais, éticos e costumes que moldam o comportamento do seu povo. Diante destas realidades, é necessário problematizar um currículo escolar que esteja integrado às diversidades educacionais impressas no cotidiano dos grupos étnicos que compõem a Guiné-Bissau. Portanto, antes de chegar ao problema do currículo, devemos perguntar antes: como os guineenses concebem a educação? Quais são as características comuns do sistema educativo dos grupos étnicos guineenses?

Para responder às questões acima, é necessário entender a arquitetura do sistema educativo guineense, paradigma particularmente importante, uma vez que nos permite entrar na “caixa preta” do projeto pedagógico deixado pelos nossos ancestrais, ou seja, a matriz educacional do povo guineense. Desse modo, objetivamos esboçar as características comuns do sistema educacional dos grupos étnicos guineenses, seus métodos e mecanismos de funcionamento, de modo a nos oferecer pistas para mostrar como são definidos os valores, costumes e conhecimentos que moldam o comportamento do povo guineense.

Nesse ensejo, valemos da contribuição de Djaló (2012), em sua obra intitulada *O Mestiço e o Poder: Identidades, dominações e resistências na Guiné*, na qual o autor dedicou o primeiro capítulo refletindo sobre a sociedade tradicional guineense, analisando detalhadamente a organização dos grupos étnicos guineense e suas principais formas de socialização. Vejamos como o autor sintetizou a organização da sociedade guineense:

Na sua globalidade, a sociedade tradicional guineense é uma sociedade estruturada e integrada num sistema de valores e de comportamento muito rígidos, baseadas na tradição e na ordem social estabelecida. A integração do indivíduo numa tal sociedade faz-se através da família, do clã, do grupo étnico, do grupo etário e da classe social, considerados como normas que explicam a ausência de individualismo, porque cada indivíduo é obrigado a agir e a conformar-se com as normas sociais, com o sistema de valores e com a disciplina do grupo (DJALÓ, 2012, p.24).

As formas de organização expostas acima acontecem em função da classe de idade. Elas correspondem às diferentes fases de socialização do indivíduo, uma vez que estabelece com precisão os direitos e deveres de cada indivíduo na sua comunidade. A passagem de uma fase para outra é objeto de certos rituais de iniciação e de passagem, na qual a pessoa é submetida a testes que provam a sua maturidade para a transição.

Estes mecanismos de socialização atribuem a cada membro da comunidade os seus direitos e as suas obrigações, a sua posição social, definem as obrigações e a aprendizagem dos hábitos, dos costumes e da tradição. Eles reforçam assim, em cada membro da coletividade, o sentimento de coesão e dever de solidariedade, de assistência mútua e excluindo qualquer forma de individualismo (Ibidem, p.30).

A análise do autor serviu de farol, porque permite visualizar a arquitetura do sistema educativo endógeno com mais evidência. Na leitura da obra, percebemos que os ritos estão presentes em todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau. Assim sendo, podemos dizer que rito é a rizoma do sistema educativo endógeno guineense, visto que ele está presente em todo grupo étnico e em toda camada social. Percebemos também que os ritos desempenham papel significativo na organização da sociedade guineense, imprimindo códigos e valores que moldam o comportamento do povo guineense. Diante destas constatações, se apresenta aqui a seguinte questão de pesquisa: quais os papéis dos ritos na organização da sociedade guineense?

Na Guiné Bissau, os ritos constituem uma das principais manifestações culturais carregadas de tradição e costumes destinados a formar e inserir os jovens na sociedade. Assim, pensando no sistema educacional na Guiné-Bissau, não podemos renunciar à importância dos ritos no processo formativo do povo guineense, visto que é a teia que liga no plano mais amplo

a unidade guineense, articulando entre si grupos étnicos separados no espaço, isolados uns dos outros por causa das dificuldades de contato. De acordo com Wilson apud Turner (2013, p.23):

Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo[...] Os homens expressam nos rituais aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo no estudo dos ritos a chave para compreender a constituição essencial das sociedades humanas.

O exposto acima ilustra a preocupação desta pesquisa em compreender melhor a realidade sociocultural e educacional da Guiné-Bissau através dos ritos. Portanto, o presente estudo tem como objetivo analisar e refletir sobre a importância dos ritos no processo formativo e pedagógico na sociedade guineense.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para a construção desse trabalho, utilizamos uma abordagem qualitativa, valendo da pesquisa do cunho bibliográfico, consultando trabalhos ligados à nossa temática. Uma vez definido o tema e problema de pesquisa, foi feito o levantamento bibliográfico para a construção do estado da arte. O cumprimento desta etapa permitiu a orientação na rota de pesquisa, identificando como está sendo discutido o objeto de estudo em nível nacional. O levantamento realizado também orientou sobre os aspectos que ainda não foram investigados, permitindo conectar nossas considerações com o debate da comunidade científica sobre a temática, com o intuito de contribuir com o debate.

De acordo com as pesquisadoras Romanowski e Ens (2006), o estado da arte é uma contribuição importante na construção do campo teórico de uma área de conhecimento, uma vez que procura orientar o pesquisador sobre o campo em que se move a pesquisa, suas lacunas de disseminação, permitindo identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de soluções para os problemas pesquisado e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de proposta na área de estudo. Para elas, o estado da arte não se restringe a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas.

A partir dessas ponderações, foi realizada a busca em dois bancos de dados: *Biblioteca Digital Brasileira de Teses de Dissertações (BDBTD)* e *Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal*. Escolhemos estas duas bancas por dois motivos. Primeiro, por serem representativas de produções dos países lusófonos. Segundo, pela facilidade de leitura, visto

que as produções estão em língua portuguesa. Vale sublinhar que a tentativa de apagamento da memória e história dos povos colonizados dificulta acesso dos materiais para construção dos trabalhos como este. Sendo assim, a nossa primeira busca com a combinação dos descritores: “ritos; educação e Guiné-Bissau”, e “ritos, formação e Guiné-Bissau”, na *Biblioteca Digital Brasileira de Teses de Dissertações* e no *Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal* não gerou resultados. Vale ainda ressaltar que não usamos recorte temporal para restringir a busca.

A ausência dos resultados com os descritores citados acima confirmou a nossa intuição de pesquisador imerso neste campo epistemológico do saber acadêmico ocidental que coloca a epistemologia dos povos colonizados à margem da cientificidade. Ela nos forja a reproduzir a lógica colonial de dominação que ajuda a legitimar a colonialidade de saber a partir da marginalização dos saberes endógenos dos países colonizados. De acordo com a antropóloga africana Marimba Ani (1994, p.4), "o Europeu se esqueceu e fez suas vítimas esquecer é que mais da metade da história humana já tinha passado antes que a maioria das pessoas da África e da Ásia soubesse que um Europeu estava no mundo". Para ela, "os europeus não apenas colonizaram a maior parte do mundo, eles colonizaram a informação sobre o mundo" (Ani, 1994, p.4). Por sua vez, Woodson (2018), em sua obra clássica intitulada “A Deseducação dos Negros”, complementa que os arquitetos da nossa educação não querem que saíamos do círculo de controle. Concordamos com o historiador estadunidense quando ele sustenta que

Se você consegue controlar o pensamento de um homem, não precisa se preocupar com a ação dele. Quando você determina o que um homem deve pensar você não precisa se preocupar com o que ele fará se você faz um homem sentir que ele é inferior, você não precisa obrigá-lo a aceitar um status inferior, pois ele mesmo o buscará. Se você faz um homem pensar que ele é justamente um pária, você não precisa mandá-lo para a porta dos fundos. Ele irá sem ser mandado; e se não houver porta dos fundos, sua própria natureza exigirá uma (WOODSON, 2013, p.89).

A arquitetura do sistema de produção acadêmica tende a nos orientar a seguir para a porta dos fundos. No entanto, para escapar do círculo do controle precisamos ser mais flexíveis. Assim, optamos por usar as combinações dos seguintes descritores: ritos, educação e África; ritos, formação e África; Ritos e Educação, nos mesmos bancos de dados já citados. Na busca, encontramos os números significativos de trabalhos sobre ritos na educação. Tendo em conta os elevados números dos trabalhos, optamos por restringir a busca para o período de 2007 a 2022. No primeiro mapeamento, percebemos trabalhos em diversas áreas de estudo:

Antropologia, Ciência Humanas, Teologia, Ciência Sociais Aplicadas, Educação dentre outras. A diversidade de áreas ressalta a relevância do tema.

Tendo em conta o grande número de trabalhos publicados, adotamos como primeiro critério de exclusão a análise dos títulos, assim procuramos temas que estabelecem relação com os ritos e educação/formação com enfoque nos países africanos. Com isso selecionamos onze trabalhos, todos desenvolvidos no Brasil. Os trabalhos ilustram que há uma preocupação de pesquisadores sobre a importância dos ritos no processo formativo do indivíduo dentro da sociedade, em especial as comunidades negras africanas.

TABELA DE RESULTADOS DO ESTADO DA ARTE

Ano	Título do trabalho	Autor(es)
2022	Prática culturais e escolarização de mulheres em Moçambique: um caminho ressignificação dos Ritos de Iniciação	Aida Duarte Binze
2006	Educação Autóctone Tradicional e a Educação Oficial Moderna efeitos dos ritos de iniciação autóctone sobre o rendimento escolar dos alunos iniciados	Candido Josse Canda
2015	Pedagogias do ritual do lava-pés: pressupostos culturais dos saberes produzidos na Umbanda	Luiz Osmar Mendes
2008	Educação pelos ritos de iniciação: Contribuição da tradição cultural ma-sena ao currículo formal das escolas em Moçambique	António Domingos Braço
2009	Educação por outros olhares: Aprendizagem e experiência cultural entre os Índios Kiriri do Sertão Baiano	Sílvia Michele Macêdo
2013	Corpo Negro em Cachoeira/BA/Brasil: Ritos e percursos no âmbito Educativo da Cidade	Lilian Quelle Santos de Queiroz
2019	O cerimonial Universitário como preservação da Memória Institucional da Universidade Federal do Ceará	Cláudia Maria de Albuquerque Lordão
2013	A finalidade do rito no espaço escolar: uma abordagem simbólica do primeiro dia de aula	Jailson da Silva
2013	O declínio dos ritos de passagem e suas consequências para os jovens nas sociedades contemporâneas	Paulo Rogério Borges
2015	Ritos de Iniciação como <i>espaçotempos</i> de produção de conhecimentos: narrativas e diálogos em Nampula-Moçambique	Roberto da Costa Joaquim Chaua
2017	O Papel dos Ritos De Iniciação na Comunidade Yaawo: Caso da Cidade de Lichinga-Moçambique	Óscar Morais Fernando Namuholopa

Fonte: pesquisa do autor na base de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses de Dissertações (BDBTD) e Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal. (2023)

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS ENCONTRADOS - RITOS E EDUCAÇÃO NA GUINÉ BISSAU: DESAFIO E PERSPECTIVA

A seção acima apresenta os resultados do levantamento a partir dos critérios de busca. Nesta seção, iremos apresentar os resultados da análise destes materiais, identificando enfoques de interesse para nossa pesquisa, considerando as questões de pesquisa anteriormente apresentadas.

Os trabalhos apresentados na tabela acima, em especial os de Canda (2006), Braço (2008), Chaua (2015), Namuholopa (2017) e Binze (2022) foram determinantes para construir nosso estudo. Estes trabalhos permitiram perceber como a pedagogia do rito é uma importante articuladora da identidade dos povos africanos, visto que ele conserva o patrimônio cultural e educacional dos povos africanos. Nos ajudaram a perceber também que os ritos guardam a herança cultural africana fundada em princípios educativo, formativos, epistemológicos, éticos, culturais, filosóficos, morais, formadora da identidade sociocultural dos povos africanos. Com efeito, percebemos que somos herdeiros dessa longa tradição e que faz parte da missão conservá-los, pois eles carregam a memória e histórias dos povos africanos.

De acordo com Braço (2008), na sociedade africana, por ser predominantemente de tradição oral, a educação acontece de forma mais intensa e formal pelos ritos de iniciação, uma vez que eles moldam a vida cotidiana, organizam sistemas educacionais nas culturas e traçam caminhos que orientam as novas gerações.

Canda (2006), por sua vez, complementa que os ritos sempre foram uma excelente escola porque educa a sociedade não só transmitindo-lhe os conhecimentos técnicos práticos requeridos pela vida, mas também estruturando a vida social do indivíduo. Para o autor, o rito não se encontra apenas na vida religiosa, mas está diluído na vida social, em diversas categorias como: agrários, funerários, mágicos, comunais ou de associação, de expiação, de passagem, de iniciação, de procriação, etc... porque vive no seio da sociedade. No que diz respeito à função social dos ritos, ele afirma que

Os ritos, embora seja sujeito aquilo que se denomina convencionalmente, têm como função conservar integrar a cultura, ligando o presente às experiências do passado, fazendo reviver acontecimentos e sentimentos cujo significado seria esquecido ou modificado em absoluto, se não existisse essa maneira de repetição rigorosamente uniforme. Neste sentido, pode dizer-se que o rito constitui um conjunto de formas de procedimentos culturais e sociais com funções multifacetadas, e cada uma dela corresponderá a um conjunto de valores, morais, crenças, sentimentos, papéis sociais e relações no interior de sistema cultural global da comunidade onde se desenvolve o rito. (CANDA, 2006, p. 38-39).

A partir do exposto, percebe-se que celebrar o rito é celebrar a comunidade porque o “eu sou porque tu és” se torna também um elemento desencadeador de forças capazes de nos apoderar, ou de nos perceber como comunidade pelas relações que tecemos a partir dos ritos (CHAUA, 2015).

As duas ponderações permite-nos compreender que o rito organiza a vida individual e coletiva. Esta ideia ainda é defendida por Silva (2013), que defende a ideia de que o rito é portador de teor simbólico do comportamento individual e coletivo, uma vez que segue certas regras destinadas a serem repetidas a partir de um esquema previamente determinada para organizar a vida através de normas pré-estabelecidas pelo grupo no sentido de manter viva a memória, a cultura, a tradição, unindo toda a diversidade humana a partir de uma estrutura que é verdadeiro, significativo e importante para o grupo.

As reflexões apresentadas acima faz nos perceber que a educação pelos ritos harmoniza a diversidade educacional e cultural dos grupos étnicos guineenses, concebendo a unidade toda a sua diversidade. Nesse sentido, consideramos indispensáveis os estudos dos ritos para a compreensão da sociedade guineense. Além disso, estudar a pedagogia dos ritos na Guiné-Bissau é uma das belas formas de conhecer o rico patrimônio cultural e educacional dos guineenses, uma vez que na Guiné-Bissau o processo educativo dos guineenses é marcado pela presença dos rituais de diversas ordens, pois é através dos rituais que os indivíduos são preparados para assumir o seu papel ativo na sociedade.

Sendo assim, pode-se dizer que as pedagogias dos ritos são dispositivos através do qual a sociedade guineense produz os conhecimentos necessários para sua sobrevivência, transmitindo-o de geração a geração, instruindo os jovens. Este projeto pedagógico endógeno se desenrola de ensino organizado, nos lugares onde as estruturas são concebidas especificamente para orientação dos jovens, geralmente acontecem nos espaços sagrados. De acordo com Namuholopa (2017), os espaços para estes tipos de rituais geralmente ficam nos lugares isolados para evitar o contato com os membros restantes da comunidade. A medida do isolamento busca criar um ambiente de tranquilidade, tanto para comunidade, como para os próprios iniciados, por causa de sons e canções. Segundo o autor, o espaço deve ficar perto de alguma fonte de água, para facilitar o aproveitamento deste recurso para vários fins necessários. Com os espaços definidos, os jovens são levados para receber formação. Durante o processo, os jovens são preparados para adquirirem os conhecimentos e competências necessários, tanto para preservarem e defenderem as instituições e os valores fundamentais da sociedade, quanto

para adaptarem-nos em função da evolução das circunstâncias e do surgimento de novos desafios.

Na formação, os jovens aprendem aspectos fundamentais para a sua vida positiva na sociedade na qual está inserida, o seu papel e deveres enquanto membro da comunidade. Dentre as principais aprendizagens, podemos destacar higiene pessoal e coletiva, cuidado com a natureza, formas de produções agrícolas, caça, conhecimento de plantas medicinais, pesca, aritmética, códigos e princípios éticos da comunidade, as regras do trabalho, os segredos da arte, da religião, do artesanato entre outros. Segundo Braço (2008), estas formas de inserção ajudam o indivíduo a integrar a vida humana nas suas mais diversas variedades, uma vez que eles enchem de sentido e significado a existência da pessoa enquanto membro de uma sociedade.

As formações ressaltadas acima são seguradas pelos sistemas educacionais dos grupos étnicos guineenses, de acordo com a filosofia da vida de cada grupo. Portanto, a ideia de que os portugueses encontravam os povos sem cultura, sem civilização e sem história não é só equivocada, como também falsa. Pois, a forma de educação na Guiné-Bissau desdobra-se através da socialização no interior da família extensa ou dos ritos de passagens, na qual os adultos explicam às crianças como elas deveriam comportar-se em determinadas circunstâncias. Cabe aqui reflexão sobre a palavra circunstâncias. De acordo com Sobonfu Somé (2007), no ocidente, as pessoas tendem a padronizar tudo. Portanto, quando descreve um ritual, as pessoas acham que ele se aplica a todas as situações da mesma forma. Segundo a autora, no ritual, a padronização não funciona, uma vez que o ritual tem de ser específico para as pessoas envolvidas.

Assim, na Guiné-Bissau, a educação pelos ritos na sociedade guineense é atrelado a vida e por maior da vida, uma vez que as crianças se educam tomando parte nas funções da coletividade. A especificidade da pedagogia dos ritos apresentados aqui é atrelada a visão pedagógica dos povos tradicionais. De acordo com Canda (2006), o adestramento, a avaliação e reeducação nessas sociedades se processam ao longo da vida inteira e duram toda a vida. Na mesma ordem de ideia, Brandão (2007, p. 10-11), explicita:

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os

segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar - às vezes a ocultar, às vezes a inculcar - de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.

Vale ressaltar que a pedagogia dos ritos se processa por via oral e através de contatos primários, face a face, pela rotina da vida diária, na qual todos podem aprender algo em qualquer tipo de relação social. Por exemplo, na Guiné-Bissau, não temos placas que dizem que as pessoas mais novas devem ceder cadeiras, cumprimentar ou ajudar os mais velhos, com pequenos gestos. Porém, todas as crianças sabem que é desrespeitoso não ceder cadeira para os mais velhos, também sabem que é desrespeitoso passar pessoas adultas da comunidade sem cumprimenta-los. Estes pequenos gestos ilustram a pertinência dos ritos no cotidiano dos guineenses. A práxis é a principal característica que fundamenta a filosofia educacional da pedagogia dos ritos. Para apoiar nossa reflexão, recorreremos às palavras de Cá (2005, p. 25), que afirma o seguinte:

Com relação à educação, não havia pessoas que ensinassem na sociedade africana tradicional um ensino formalizado como na sociedade ocidental, nem lugar privilegiado para a transmissão do conhecimento. A forma de educação baseava-se no exemplo do comportamento e do trabalho de cada aprendiz. Cada adulto era, de certa forma, um professor. A educação não se separava em campo e especialização de atividade humana. Ninguém se educava apenas por um determinado período, aprendia-se com a vida e com os conhecimentos ao longo do tempo.

A reflexão de Cá indica que a sociedade guineense possui uma concepção e visão do mundo fortemente atrelado às suas culturas e tradições. À vista disso, ao fazer uma análise da educação na Guiné-Bissau, é importante que não se perca de vista as referidas formas de socialização, uma vez que na pedagogia dos ritos as aprendizagens são ligadas às circunstâncias da vida. Para ser mais específico, recorreremos a exemplo da Somé (2007) que, embora não abordasse assunto sobre o contexto guineense, mas ilustra bem as circunstâncias de educação pelos ritos ressaltados nesse trabalho. Seguimos as palavras da autora:

Lembro-me de, quando era criança, como uma de minhas avós nos envolviam nos rituais. Ela montava situações nas quais tínhamos de criar um ritual apropriado. Ela nunca interferia em nossa criatividade. Tudo que fazia era garantir que avançássemos. Assim como uma mãe que ensina uma criança a andar, ela nos guiava um pouquinho e, quando caímos, estimulava-nos para que seguíssemos tentando (SOMÉ, 2007, p. 57).

Para Hampaté Bâ (2010), o modelo pode parecer caótico, mas, na verdade, é prático e muito vivo porque a lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica profundamente gravada na memória da criança. As observações de Hampaté Bâ explicam como a pedagogia dos ritos sobreviveu até os dias atuais. A forma de transmissão deste documento oral evidencia a peculiaridade do sistema educativo guineense, pois na pedagogia dos ritos o ensino e aprendizagem não se excluem, mas se complementam e se prendem nos valores e costumes que moldam a visão do mundo dos guineenses.

Para ilustrar melhor a importância da pedagogia dos ritos na organização da sociedade guineense, valemos mais uma vez da contribuição de Djaló, que sintetizou a organização da sociedade guineense e seus processos ritualísticos em cinco classes:

- a) **A classe infantil:** A primeira fase vai desde o nascimento até ao final do aleitamento, coincidido em geral com o batismo, ou seja, até à idade de cinco anos (com exceção das ilhas da Caravela, Uno e Canhabeque, para quem a imposição do nome se faz no oitavo dia). Esta fase corresponde a um período precário da vida, razão pela qual os indivíduos nesta categoria não podem ter nomes próprios nos Manjacos e/ou nos Mancanhas.
- b) **A classe impúbere:** A segunda fase inclui indivíduos que se aproximam do segundo período da infância. Ela vai do batismo (imposição do nome) até à puberdade, coincidindo com os rituais de passagem da classe anterior a esta e correspondendo ao final do aleitamento. Durante esta fase, a criança recebe uma educação preliminar no seio da família.
- c) **A Classe de adolescente:** A terceira fase corresponde à dos jovens, que atravessaram a segunda infância e se prepararam para os rituais da maioridade dos quais a maior é a do Fanado (circuncisão). Trata-se de uma classe em que os jovens aprendem a trabalhar, a divertir-se e a integrar os princípios da vida comunitária. Juntos, eles preparam-se para receber os rituais da sua integração na vida social.
- d) **A classe adulta:** A quarta fase encontra-se entre o fanado e o término da maturidade passando, é claro, pelo matrimônio. É a fase da realização, que permite que a pessoa desfrute de todos estes direitos.
- e) **A classe dos anciãos:** a quinta e última fase corresponde ao prolongamento da maturidade e termina com a morte. A pessoa adquire, então, o estatuto de Homem grande (o sábio) e mulher grande (para as mulheres). Eles têm assento no conselho das Anciãs, uma espécie de assembleia responsável por dirigir assuntos da comunidade. (DJALÓ, 2012, p.30-31)

A classificação de Djaló ilustra a relevância da pedagogia dos ritos na organização da sociedade guineense, pois evidencia como os guineenses imprimem as ideias pedagógicas fundamentais para construir uma visão do mundo. Na classificação, nota-se que as crianças começam desde cedo a conviver com os rituais. Esta forma de inserção da criança na comunidade é semelhante à do povo Matswa de Moçambique. Segundo Canda (2006), o povo Matswa insere a criança muito cedo a conviver com rituais tradicionais como forma de fazer com que ela se identifique com o grupo ou coletivo que a espera a partir do dia do seu

nascimento. Essa ideia foi desenvolvida também por Somé (2007), que diz que as crianças aprendem sobre intimidade e rituais desde o nascimento, para quando amadurecem tornarem-se crucial, desenvolvendo uma compreensão profunda dessas questões. De acordo com a autora, nos rituais, os anciãos orientam os jovens sobre intimidade, sexualidade e ritual, para que saibam o que lhes espera no futuro, evitando assim que os jovens entrem para classe adulta de forma despreparada.

Na classificação de Djaló (2012), nota-se que a educação pelos ritos se processa pelas etapas que formam o indivíduo para ocupar diferente lugar na sociedade. Estas etapas são acompanhadas por atos oficiais, com processos formativos que habilita a pessoa a assumir papel ativo na sociedade, as etapas são regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou danos. De acordo com Genep (1978, p. 26),

É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte.

Vale observar que a organização da sociedade guineense também é dividida pelo sexo como em outras sociedades. De acordo com Braça (2008), a divisão social do trabalho baseado no gênero é a variável principal na diferenciação do processo de educação que justifica a existência de rituais específicos para homens e mulheres. Segundo Somé (2007), a divisão por sexo existe não para promover o sexismo, nem para tornar homens e mulheres iguais, mas para criar um ambiente de respeito porque homens e mulheres têm seus mistérios.

A partir do exposto até aqui, percebe-se que a pedagogia dos ritos remonta há séculos, sobreviveu até nossos dias graças ao papel relevante da oralidade. Para legitimar o nosso argumento, recorreremos às palavras do grande mestre da tradição oral africana, Amadou Hampâté Bâ (2010, p. 167), que a firma o seguinte:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer que são a memória viva da África.

A especificidade com que Hampâté Bâ descreve a oralidade iluminou nosso pensamento, visto que o autor manifesta uma das mais belas contribuições pedagógicas dos povos africanos para a pedagogia mundial. Com efeito, as reflexões do autor colaboram para a construção do seguinte questionamento: se os ritos constituem um dos principais meios de produção dos conhecimentos dos povos guineenses, por que não estão presentes no currículo oficial dos aparelhos públicos de educação do estado?

A resposta para a questão acima foi respondida pelo historiador afro-trinidaiano Cyril Lionel Robert James (1938) apud Falola (2007) que afirma que

Por muitas centenas de anos, na verdade desde pouco tempo depois dos primeiros contatos entre a civilização ocidental e a África, foi prática quase universal tratar as realizações, descobertas e criações africanas como se a civilização ocidental fosse a norma e os africanos gastassem seu tempo imitando ou tentando alcançar o mundo ocidental ou, o que é ainda pior, passando se necessário pelos seus remotos estágios primitivos. (JAMES, 1938, apud FALOLA, 2007, p. 19).

O argumento é revelador, pois, depois do processo de colonização passamos a ver e refletir as nossas realidades a partir da lente europeia, porque a forma de ver o mundo por parte dos europeus disponibilizou nas escolas um eficaz mecanismo de controle sobre corpos e mentes de povos colonizados. Portanto, a implantação da escola é uma das maiores realizações europeias para a manutenção da colonialidade, uma vez que educou povos africanos a lerem o mundo a partir de fontes externas à África.

Brandão (1982), em sua obra intitulada “Luta com palavra: escritos sobre o trabalho do educador,” defende que “a escola não tem as armas de dissuasão que o quartel tem, mas a seu modo tem outras mais pertinentes. Ela possui as armas de persuasão que o sistema usa para preservar-se como ideia e realidade” (BRANDÃO, 1982, p. 15). À vista disso, a escola foi utilizada para construir um sistema na qual os portugueses pudessem se apoiar para promover o domínio colonial na Guiné-Bissau.

Nobles (2009), ao examinar o povo africano na diáspora, argumenta que o nosso opressor tentou esvaziar de nossa mente o significado de ser africano, mas eles não conseguiram destruir o africano dentro de nós. Por isso, alterou a percepção do nosso senso de africanidade. Segundo o autor, esse censo alterado de consciência é o problema fundamental dos africanos e afro-brasileiros e diaspóricos.

As reflexões de James (1938) e Hampâté Bâ (2010) nos servem de vacina contra o sistema colonial, pois nos faz perceber que o sentido da descolonização habita no olhar interno, a partir da legitimação dos legados educacionais deixados por nossos ancestrais. Então, começamos a olhar para nossa realidade com brilho nos olhos. Vale observar que percebi o efeito da vacina com a leitura da célebre obra da Sobonfu Somé (2007), intitulada *O Espírito da Intimidade*, já citada. Na obra, a autora apresenta práticas pedagógicas produzidas pelo povo Dagara, do Oeste Africana. Na exposição, escreveu sobre a sabedoria do seu povo, apoiado no cotidiano da vida de sua aldeia, ressaltando a importância dos ritos na organização das sociedades africanas.

No prefácio da obra, Julia e Weller enunciam que ler as palavras Sobonfu é testemunhar verdades profundas, é acordar parte de nós que há muito foram anestesiadas. Na verdade, as palavras da autora nos fazem lembrar que a nossa forma de olhar, comunicar, vestir, comportar e ler o mundo são legados das práticas pedagógicas deixadas pelos nossos ancestrais. Assim, ela nos oferece uma visão pedagógica africana a partir dos ritos e nos convida a sermos mais nós mesmos porque os elementos dos rituais nos permitem estabelecer conexão com o próprio ser, com a comunidade e com as forças da natureza. Entramos no ritual para chamar o espírito para nos mostrar os obstáculos que não somos capazes de ver, por causa de nossas limitações como seres humanos, porque os rituais nos ajudam a remover obstáculos entre nós e nosso verdadeiro espírito e outros espíritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho, apontamos que a frase “o currículo escolar tem que ser pensado de acordo com a realidade dos alunos” inspirou este trabalho em busca de entender o processo educativo dos guineenses. Para isso, procuramos entender a arquitetura do sistema educativo guineense a partir de matriz cultural e educacional deixado por nossos ancestrais, ou seja, a pedagogia dos ritos. Acreditamos que após esta empreitada, levantamos questões pertinentes sobre a diversidade do sistema educativo do povo guineense. Acreditamos também que respondemos de forma satisfatória a nossa questão de pesquisa. Durante a análise, mostramos que a pedagogia dos ritos carrega os valores e costumes que moldam a visão de mundo dos povos guineenses. Sendo assim, não podemos construir o currículo escolar de acordo com a realidade dos guineenses sem pensar na importância dos ritos na integração dos indivíduos na sociedade. Acreditamos que a integração dos currículos escolares a partir da visão do mundo dos guineenses tornará uma realidade só a partir do momento que assumirmos a

responsabilidade de trabalhar com valores e princípios impressos no cotidiano da vida dos guineenses, esta memória viva, está no rito.

Portanto, é fundamental que enfrentemos os desafios que estão colocados diante de nós. Na análise, foi mostrada também que a pedagogia dos ritos carrega uma das antigas civilizações mais brilhantes dos povos africanos, guineenses em específico, harmonizando patrimônio cultural dos diferentes grupos étnicos no espaço e no tempo, a partir dos valores e visões do mundo que fundam a identidade do povo guineense. Com isso, podemos afirmar que os ritos imprimem valores e costumes que nos fazem ver e reconhecer a nossa própria imagem como guineenses.

Dessa maneira, ao pensar na educação guineense, não podemos perder de vista que a educação pelo rito visa uniformidade de comportamentos que não excluem gradações pessoais relevantes dessa ordem social herdada. Ademais, os ritos acompanham hábitos motores, em atividades sociais rotineiras presentes no horizonte cultural pelas tradições que fornecem aos guineenses não só as normas de ação, mas também os quadros de consciência da situação e de afirmação da identidade nacional guineense. Os ritos conservam a mais rica contribuição pedagógica dos povos guineenses para a pedagogia mundial. A pedagogia dos ritos não trata apenas de mitos, ilusões e ideologia, trata de princípios que operam ao nível da estrutura da sociedade guineense.

Se as observações apresentadas neste trabalho estão em consonância com a visão do mundo dos guineenses, é inadiável o debate sobre a importância dos ritos na construção dos currículos escolares guineenses, porque pedagogia dos ritos nos oferecem uma compreensão precisa e detalhada do nosso patrimônio sociocultural, educacional e de suas contribuições no progresso educativo do povo guineense.

Cabe observar que a educação pelos ritos desenvolvidos neste trabalho não se restringe a ritos “radicais”, considerados “tabus”, desenvolvidos de tempo em tempo nos espaços “sagrados” e isolados, visto que nem todos os guineenses passaram por esse processo, porém todos os guineenses carregam os efeitos desses ritos, uma vez que elas estão no cotidiano dos guineenses definindo as regras, valores e costumes que moldam a leitura de mundo dos guineenses diferenciando-os de outras sociedades.

Assim finalizamos essa empreitada com a sensação de que há um longo caminho para se fazer ainda se queremos construir um currículo escolar inclusivo que respeite toda a

diversidade: cultural, educacional e epistemologia impressas no cotidiano dos grupos étnicos que compõem a Guiné-Bissau. Assim fechamos esse ciclo feliz, por termos percebido que a pedagogia do rito é como espelho, no qual os guineenses olham para reflexos da sua vida e puderam dizer aquilo que é de original e sincero para si mesmo.

REFERÊNCIAS

ANI, Marimba. **Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior**. Trenton: Africa World Press, 1994.

BINZE, Aida Duarte. **Prática culturais e escolarização de mulheres em Moçambique: um caminho ressignificação dos Ritos de Iniciação**. 2022. 225 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e de Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.

BRAÇO, António Domingos. **Educação pelos ritos de iniciação: contribuição da tradição cultural ma-sena ao currículo formal das escolas de Moçambique**. 2008. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** 49ª Reimp. São Paulo. Brasiliense, 2007.

_____. **Luta com palavra: escritos sobre o trabalho do educador**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

Cá, Lourenço Ocuni. **Perspectiva histórica do sistema educacional da Guiné-Bissau**. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. São Paulo, 2005.

CANDA, Candido Jasse. **Educação autóctone tradicional e a educação oficial moderna: efeitos dos ritos de iniciação autóctone sobre o rendimento escolar dos alunos iniciados**. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9945>. Acesso em: 21 set. 2022.

CHAU, Roberto da Costa Joaquim. **Ritos de Iniciação como espaçotempos de produção de conhecimentos: narrativas e diálogos em Nampula-Moçambique**. 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

DJALÓ, Tchernó: **O Mestiço e o Poder: Identidades, Dominações e Resistências na Guiné**. Nova Vega, 2012.

DUARTE Jr., João Francisco Duarte. **O que é Realidade**. Brasiliense: Brasília, 1984.

JAMES C. L. R., **A History of Pan-African Revolt**. Chicago, Charles H. Kerr, 1938.

FALOLA, Toyin. **Nacionalizar a África, culturalizar o Ociende e Reformular as humanidades na África**. Afro-Ásia, 36 (2007), 9-38. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77011144001>. Acesso em: 20/09/2022.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

HAMPATÉ BÂ, Amaduo. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.) **História Geral da África: metodologia e Pré-história da África**. v. 1. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 167-212.

HABTE, Aklilu; WAGAW, Teshome; AJAYI J. F. Ade. Educação e mudança social. In: MAZRUI, Ali A. (Coord.). **História Geral da África. Vol. VIII: África desde 1935**. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010, pp.817-845.

LORDÃO, Cláudia Maria de Albuquerque. **O cerimonial Universitário como preservação da Memória Institucional da Universidade Federal do Ceará**. 2019. 150 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal de Ceará. Fortaleza-CE, 2019.

MACÊDO, Sílvia Michele. **Educação por outros olhares: Aprendizagem e experiência cultural entre os Índios Kiriri do Sertão Baiano**. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

MENDES, Luiz Osmar. **Pedagogias do ritos do lavar-pés: pressupostos culturais saberes produzidos na Umbanda**. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2015.

Namuholopa, Óscar Morais Fernando. **O Papel dos Ritos De Iniciação na Comunidade Yaawo: Caso da Cidade de Lichinga-Moçambique**. 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia-Go, 2017.

NOBLES, Wade W. Sakhu Sheti: Retomando e Reapropriando um Foco psicológico Afrocentrado In: Elisa L. Nascimento (org.) **Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 277-297.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As Pesquisas Denominadas do Tipo "Estado da Arte" em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 6, núm. 19, dezembro, 2006, p. 37-50. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil.

SILVA, Jailson da. **A finalidade do rito no espaço escolar: uma abordagem simbólica do primeiro dia de aula**. 2013. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. 2. ed. São Paulo: Odisseus, 2007.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro e Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

WOODSON, Carter G. **A deseducação do negro**. tradução Kwame Asafo Nyansafo Atunda. São Paulo: Medu Neter Livros, 2018.